



O ENSINO DA DISCIPLINA TRILHA CINEMATOGRAFICA NO CURSO DE CINEMA DA UFMT POR INTERMÉDIO DA EaD: POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS EXPANDIDAS PELAS PLATAFORMAS DIGITAIS

Ney Alves de Arruda – (FCA-UFMT) neyarruda@gmail.com

Eixo 3: Práticas Pedagógicas e Formação na EaD: superação do Instrumental e Tecnocêntrico

Resumo: À guisa de uma concisa introdução tem-se a expo de uma vivência pedagógica no âmbito de uso de plataformas digitais, período dividido claramente, num antes e no depois com a presença da pandemia. Cujo escopo do trabalho é explicitar mudanças e superação de mentalidades culturais no viver pedagógico *online*. Como procedimentos metodológicos tem-se o cotejo de leituras crítico-reflexivas de uma existência docente tradicional diante do desafio de adaptação e progresso para a continuidade de uma disciplina inovadora em seus paradigmas estéticos. Como resultantes vislumbra-se o mergulhar em si do docente, detectando a imprescindível presença das plataformas eletrônicas para superação de dificuldades do ensino corriqueiro rumo a valorização e maximização da sala de aula digital.

Palavras-chave: Ensino. Tradicional. Digital. Música. Cinema.

1 Introdução

Este é um relato de experiência de atividade pedagógica no percurso da regência de disciplina antes e durante a pandemia. O docente autor é o professor escolhido que ministrou o componente curricular denominado “Tópicos Especiais em Pesquisas de Trilha Cinematográfica”. Esse conteúdo programático adiante tematizado foi apresentado já por duas vezes perante o Curso Superior em Cinema e Audiovisual da Faculdade de Comunicação e Artes da UFMT. Poderia se indagar: por que um mestre em filosofia do direito e doutor em história do direito de fronteira estaria a lecionar tal disciplina? A resposta revela-se no fato autorizativo de que o docente é violinista e violista com larga experiência em música de câmara e prática em orquestras há trinta e oito anos de atividades artísticas e de pesquisa da música exercidas de forma ininterrupta com destreza de investigação musical paralelas aos graus de mestre pela UFSC na cidade de Florianópolis e de doutor pela Universidad Pablo Olavide na cidade de Sevilha na Espanha. Que inclusive publicou livro sobre a música e o “violinismo mundial” (ARRUDA, 2021, p. 25).

Assim, a trilha cinematográfica sempre acompanhou o desejo de conhecimento cultural e estético no estudo contínuo e prazeroso das artes musicais por parte do professor autor. A possibilidade de lecionar a música fílmica no Curso de Cinema da UFMT é tido como um corolário de grandeza da multiculturalidade do ensino universitário praticado naquela

Realização



Apoio



instituição de ensino superior. Quando um professor, reconhecidamente um cinéfilo confesso, aceita o desafio de estudar academicamente e, em maior profundidade, determinados temas que sempre lhe cederam muito amor e carinho. Vez que o hábito de cultivar a arte cinematográfica fora ensinada por sua mãe desde tenra idade, que o iniciou no cinema, levando-o ao encontro com a grande tela, ainda com pouquíssimos anos de vida.

Munido da necessária seriedade, sempre agindo com ética (sem plagiar ninguém) para prestar o ofício docente no sentido de desvendar as finas e sensíveis vertentes das correntes estéticas da trilha musical fílmica, o docente investiu com muita tenacidade na aquisição e obsessiva leitura de diversas publicações técnicas específicas de relevo no assunto. Resultando na exposição dos experimentos pedagógicos abaixo descritos, tanto no viés presencial, como por intermédio de tecnologias de ensino EaD, desígnio maior deste relato científico.

2 Elementos do conteúdo programático e atitudes pedagógicas da disciplina sob foco em sala de aula presencial antes da pandemia

Obviamente que o fator metodológico talvez mais apropriado para estabelecer parâmetros racionais de exposição da aludida disciplina curricular seja a intervenção crítico-histórica do cinema mundial como em: Sabadin (2018), Ballerini (2020), Garcia (2011), entre outros. Momento em que a forma de abordagem foi a convencionada por vários grandes pesquisadores do tema da música fílmica, dentre eles: Berchmans (2006), Máximo (2003), Alvarenga (2011) etc. Ou seja, trabalhou-se a matéria da trilha musical por décadas a partir da inserção do som conjugado às imagens no cinema mundial. Então, foram operacionalizados os compositores expoentes de música cinematográfica a partir de décadas: 1930, 1940, 1950, até chegarmos aos nossos dias.

Evidente que gigantes da composição, inclusive com formação acadêmica na música clássica foram tematizados como Erich Wolfgang Korngold etc. Situação concreta em sala de aula presencial antes da pandemia, em que didaticamente foram expostos traços marcantes das biografias desses grandes compositores. Naturalmente de forma sinóptica, procurando ingressar em dados biográficos peculiares e marcantes da história oficial desses compositores, com extração em livros específicos publicados com complementação ao prospectar pontos inolvidáveis provenientes da internet em portais de cinema.

Em seguida, abordou-se os filmes de maior relevo onde esses excepcionais músicos atuaram na construção da trilha sonora musical. Manifestamente procuramos retratar os longas-

metragens cuja trilha musical geraram maior impacto de público e crítica especializada. Sempre indo à lousa registrando dados de importância estratégica para que os estudantes interessados pudessem compulsar nos livros indicados ou em pesquisas na web levantando então, novos conhecimentos sobre autores e obras fílmicas.

Então, também seria necessário a demonstração dessas trilhas sonoras, não no todo, porque demandaria muito tempo de aula, mas sim, de forma concentrada, no que poderíamos chamar de “degustações musicais”, muitas vezes restringindo esse momento prático à exibição sonora de trechos temáticos principais.

Assim, desprovido de um amplo laboratório específico para demonstrações sonoras cinematográficas, apto a receber o conjunto de todos os alunos matriculados, que estivesse sempre à disposição da disciplina no dia da semana determinada para ela; o docente foi instado a subir escadarias no prédio do bloco didático e levar para a sala de aula convencional, como verdadeiras malas de viagem, seus modestos equipamentos como: 1) laptop com leitor de CD/DVD, 2) caixas de som, 3) fiações de conexão, 4) livros, 5) projetor de imagens datashow, 6) caderno de anotações e fichas de resumo para exposição de aula, 7) CDs de trilha cinematográfica, 8) DVDs contendo gravações originais de filmes. Imagine o caro leitor, o inicial tempo de acoplagem e deslocamento de todo esse material; para no fim do encontro da aula presencial, o desmonte, transporte e guarda dessa equipagem.

3 Aspectos de mutação do ministrar da disciplina ora aludida durante o momento pandêmico com o uso das novas tecnologias

Tendo em vista o advento da pandemia de Covid19, tudo mudou. E ficamos reclusos largos meses em casa. O confinamento foi extremamente necessário para evitar a circulação maléfica do vírus. Quando as universidades brasileiras resolveram voltar ao trabalho, fomos voluntários a lecionar na primeira leva de disciplinas inteiramente “on line”. Foi um momento muito rico de aprendizagem, procurando explorar várias ferramentas do AVA - Ambiente Virtual de Aprendizagem, que não conhecíamos bem as qualidades práticas, se não pelas aulas de capacitação, outrora ministradas.

O período compreendido pelos dois anos de clausura acadêmica motivada pela desconhecida e mutante doença, trouxe uma economicidade de ações físicas na rotina pedagógica institucional. Ou seja: despertar precocemente, higienizar-se, café da manhã, deslocamentos (quando muitos alunos utilizam o transporte público de, por vezes, horas

perigosas de iminente situação de contágio em ônibus coletivos), assinatura de frequência docente, abertura de salas de aula, chamada no diário de classe, exposições de pontos do ementários oficiais das disciplinas de forma presencial, fechamento de expedientes corriqueiros. Tempo de horas preciosas que, somadas ao final de um mês, materializa sempre um desperdício inevitável de oportunidades para outras atividades produtivas.

Tudo isso havia sido substituído pela vivência telemática. Todos nós passamos a depender de plataformas de comunicação via satélite. A internet, verdadeiramente, salvou a educação no planeta: do ensino fundamental aos programas de pós-graduação das mais variadas áreas. Uma existência digital foi o veículo de sobrevivência do ensino!

À título de instalar um diálogo terapêutico com os discentes, sempre recordamos em nossos encontros digitais que esses aspectos se tornaram positivos ao longo dos meses pandêmicos. De repente, a humanidade teve mais tempo para refletir, planejar, produzir. Modelos de consumo exacerbados foram repensados: o que comprar, o que desconsiderar para aquisição. A frequência nos shoppings, as catedrais das compras por impulso, foram racionalizadas. Aos poucos os estudantes foram aquiescendo para com a nova realidade.

Nessa perspectiva, a disciplina “Tópicos Especiais em Pesquisas de Trilha Cinematográfica” foi remodelada para o momento digital. Sim! Foi um ótimo período de proveitosa fecundidade. Agora, na vivência “on line” era possível realizar as demonstrações de trilha musical fílmica sem aquela parafernália de equipamentos, todos levados fisicamente para a sala de aula presencial. Tudo está na web! Utilizando as plataformas digitais como Google Meet ou Zoom, então foi possível compartilhar listas de links de cenas, “trailers” de filmes importantes, temas musicais marcantes, tudo com som qualificado e de alto nível por redes sociais de excelência como o Youtube. Nossa! Amamos muito esse momento pedagógico que facilitou a vida do professor e beneficiou os alunos num contato estético mais íntimo com o fator artístico da disciplina. Assim, foi possível realizar aquelas “degustações musicais”, voltando minutos, reprisando trechos, pausando andamentos para conversar e despertar o gosto crítico pela trilha sonora.

Nós que vivenciamos em nossa juventude o colecionismo de discos clássicos e de filmes na versão vinil, os famosos LPs (long play), também as chamadas fitas K-7, assistimos a transição em meados dos anos 80 para o CD (compact disc), o DVD e, nos anos 90, o Blu-ray disc, em verdade, não nos conformamos com a infértil transformação impositiva e autoritária do sistema “streaming”. Não se trata de um saudosismo incauto, mas as artes de capas e conteúdo de encartes dos álbuns fonográficos tradicionais publicados em papel, sempre trazem

Realização



Apoio



informações úteis, inclusive em se tratando de trilha cinematográfica. Com o “streaming” nada disso está à disposição do melômano e do cinéfilo. Paradoxalmente, porém, as plataformas digitais voltadas para o ensino, resultam por suavizar um pouco esse sofrimento cultural, ainda que sigamos em inexorável “digitalização” da vida humana.

4 Considerações finais

Inegavelmente assistimos a um verdadeiro progresso científico e pedagógico durante esses dois anos de pandemia com sensível evolução do utensílio das plataformas digitais. Foi preciso se adaptar, aliás, umas das grandes virtudes da civilização. Foi preciso expandir o conhecimento sobre o uso das tecnologias digitais em prol de tornar acessível e atraente os saberes das disciplinas curriculares. Então, agora vamos desperdiçar essas experiências vividas? Nos negamos veementemente a aceitar que o retorno às aulas presenciais signifique recusar o utensílio da sala de aula digital. Pelo contrário, a vivência pelas plataformas de comunicação eletrônica não serão esquecidas e nem desprezadas, uma vez que seguiremos com essa magnífica estratégia pedagógica para estudar na prática, a arte da música fílmica mundial.

Referências

- ALVARENGA, Márcio Manzi. **25 anos do programa a música no cinema: as 101 melhores trilhas**. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- ARRUDA, Ney Alves de. **Arte, cultura & violino: memórias do ensino e vida de um violinista brasileiro**. Curitiba: Appris Editora, 2021.
- BALLERINI, Franthiesco. **História do cinema mundial**. São Paulo: Sumus Editorial, 2020.
- BERCHMANS, Tony. **A música do filme: tudo o que você gostaria de saber sobre a música de cinema**. São Paulo: Escrituras, 2006.
- GARCIA, Ana Carolina. **A fantástica fábrica de filmes: como Hollywood se tornou a capital mundial do cinema**. Rio de Janeiro: Editora SENAC Rio, 2011.
- MÁXIMO, João. **A música do cinema: os 100 primeiros anos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- SABADIN, Celso. **A história do cinema para quem pressa**. Rio de Janeiro: Valentina, 2018.

Realização



Apoio

